

A representação do Toré Kaimbé no Programa Memória do Sertão da WebTV Caatinga¹

Meiwa Magalhães²

Carla Conceição da Silva Paiva³

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo

O artigo analisa a representação do Toré na Aldeia Massacará, território do povo indígena Kaimbé, no Semiárido baiano, no Programa Memória do Sertão, da WebTV Caatinga. A partir da análise de conteúdo, buscou-se compreender como o audiovisual contribui para a construção de imagens sobre os povos indígenas dessa região, historicamente, invisibilizados pela literatura, cinema e telejornalismo. O estudo destaca o Toré como expressão de resistência, espiritualidade e reconstrução identitária, especialmente, entre jovens e mulheres da comunidade. A pesquisa evidencia pontos positivos e que podem ser aprimorados na prática do jornalismo contextualizado da WebTV Caatinga e no programa pesquisado.

Palavra-chave: representações sociais; povos indígenas; webtv caatinga, semiárido brasileiro; análise de conteúdo.

Este artigo é parte integrante de uma pesquisa em desenvolvimento, intitulada “Representação do Semiárido Brasileiro no Programa Memória do Sertão” (2024-2025). Nessa investigação, realizamos o mapeamento das manifestações culturais apresentadas no referido programa, com atenção especial às expressões dos povos quilombolas e indígenas. Constatamos, entretanto, uma presença reduzida da cultura indígena no acervo analisado. Apenas um vídeo foi identificado como representação explícita de manifestação cultural indígena.

O material em questão é um episódio do programa, publicado em (2018), sobre a prática do Toré na Aldeia Massacará, no território do povo Kaimbé, localizado no município de Euclides da Cunha, Bahia, Semiárido brasileiro. Segundo informações extraídas do site “Povos Indígenas no Brasil”, mantido pelo Instituto Socioambiental

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia – (Uneb), meiwalayramagalhaescosta@gmail.com

³ Docente no Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia – (Uneb), e-mail: ccspaiva@gmail.com

(ISA), com dados atualizados em 2020, o povo Kaimbé habita a Terra Indígena Massacará, localizada nesse município.

De acordo com Souza (1996), os Kaimbé ocupam há tempos imemoriais uma área situada entre as bacias dos rios Itapicuru e Vaza Barris.

Tendo por centro de seu território a Igreja da Santíssima Trindade de Massacará, fundada por missionários Jesuítas em 1639, foram vítimas de usurpação de suas melhores terras pelos fazendeiros regionais, que também exploraram-lhes como mão-de-obra semi-escrava por um longo período. No final do séc. XIX, o governo provincial, objetivando liberar as terras que lhes pertenciam à exploração dos grandes fazendeiros, extinguiu a Missão dos Índios de Massacará” (Souza, 1996, p. 3).

Dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), da unidade de Paulo Afonso (2011), apontam que “a religião predominante é a Católica, também existindo alguns índios que fazem parte da religião evangélica”. Todos mantêm a tradição indígena, independente da religião que fazem parte. Com relação à língua, não há registros suficientes que permitam determinar sua filiação linguística. Entretanto, como apontado por Souza (1996, p. 4), “palavras isoladas coletadas por Reesink (1977) e Souza (1993) podem sugerir tratar-se de um grupo da família linguística Kariri”.

No que se refere à organização social e à identidade étnica, destaca-se que

Dispersos em unidades familiares, com relativa autonomia política, os Kaimbé somente retomaram o processo de organização enquanto grupo étnico na década de quarenta deste século, quando, no bojo da luta pela terra, viram-se pressionados a assumir a identidade Kaimbé para legitimar suas reivindicações (Souza, 1996, p. 5).

Em obras literárias como “O Quinze” (Raquel de Queiroz, 1930), “Vidas Secas” (Graciliano Ramos, 1938) e filmes como “O Cangaceiro” (1953), de Lima Barreto, por exemplo, rememoradas diversas vezes pela grande mídia para representar o Semiárido brasileiro, não há presença ou indícios que explicitem personagens indígenas ou elementos dessa cultura, o que escancara um apagamento histórico da presença da população indígena nesse território.

Contemporaneamente, baseando-se, quase sempre, na memória dessas obras e nas imagens que elas reverberam, o jornalismo da mídia convencional, por inúmeras

vezes, passou a propagar, especialmente através do telejornalismo, as mesmas representações construídas pela literatura e pelo cinema sobre a região semiárida, como chão rachado, figuras do cangaceiro, retirantes, entre outras características. Esses elementos compõem o que Paiva (2006) identifica como signos de nordestinidade, um conjunto de representações estereotipadas que reduzem a complexidade da região a estereótipos de miséria, aridez e atraso, apagando a diversidade cultural, histórica e a até mesmo a memória social dos povos que habitavam a região antes do período da colonização europeia.

Com a proposta de desconstruir os estereótipos historicamente atribuídos ao Nordeste brasileiro e, em especial, ao Semiárido, surge, em março de 2012, a WebTV Caatinga. Trata-se de uma plataforma digital voltada à comunicação educativa, que atua na produção e difusão de conteúdos audiovisuais relacionados à comunicação, radiodifusão, educação e cultura. A iniciativa se insere no campo das mídias alternativas, buscando ampliar as narrativas sobre a região e valorizar suas múltiplas expressões culturais, sociais e políticas.

Essa proposta tem como objetivo apresentar o Semiárido a partir de uma perspectiva atual e livre de distorções, como alerta Santos (2016). Conforme aponta Souza (2021), o Jornalismo Contextualizado se propõe a acompanhar os acontecimentos de uma comunidade específica, como um bairro ou território, privilegiando o olhar de quem vive ali. Nesse formato, as pessoas locais não são apenas tema, mas também protagonistas e, muitas vezes, produtoras do conteúdo jornalístico (SOUZA, 2021). É dentro desse contexto que surge o Programa Memória do Sertão, com a proposição de reconhecer e dar visibilidade às expressões culturais desse território.

No Memória do Sertão, o conceito de memória é central para compreender como o Semiárido é representado socialmente. Conforme, Ferreira (1975), o termo memória refere-se à capacidade de armazenar e recuperar informações, ideias e experiências vividas. Também pode ser compreendido como o ato de recordar ou trazer à consciência acontecimentos do passado. O programa atua como uma ferramenta importante para questionar os estigmas que há tanto tempo recaem sobre essa região. Em todos os episódios, os depoimentos reforçam a frase que é marca da WebTV Caatinga: “A verdadeira imagem do sertão”. Essa repetição chama atenção para o valor simbólico da palavra “sertão” e para as disputas de sentido que envolvem essa palavra, que pode

carregar um significado do passado de marginalização e que já foram relacionadas a representações depreciativas.

De acordo com Ferreira (1975), o termo “sertão” está associado a áreas afastadas do litoral, ligadas à criação de gado e à preservação de costumes antigos. Nos grandes meios de comunicação, esse significado tem um histórico de frequentemente manipulação para reforçar visões negativas, como se fosse uma terra atrasada em comparação aos centros urbanos, tidos como o oposto de modernidade e progresso. O programa Memória do Sertão, apesar do uso da palavra “Sertão” desafia essas narrativas, evidenciando a diversidade cultural do Semiárido, abrindo espaço para que suas comunidades sejam retratadas com mais complexidade, sensibilidade e respeito.

Para analisar a representação do Toré na Aldeia Massacará, território do povo indígena Kaimbé, no Semiárido baiano, no Programa Memória do Sertão, da WebTV Caatinga, utilizamos a metodologia da Análise de Conteúdo (AC), conforme proposta por Bauer (2020). Essa abordagem permite a reconstrução de representações e a elaboração de "mapas de conhecimento", compreendidos como formas de expressão que revelam como a linguagem, em especial, a linguagem audiovisual, é empregada para representar o mundo. A AC busca desvendar as condições que possibilitaram a produção da mensagem, articulando os elementos visíveis do texto às dinâmicas socioculturais que moldaram suas características.

Em primeiro lugar, ressaltamos que o programa Memória do Sertão, exibido pela WebTV Caatinga, atua como um importante instrumento de valorização das manifestações culturais no Semiárido, ao registrar e difundir práticas, rituais, costumes tradicionais e ao trazer à tona expressões como o Toré. Esse programa rompe com a inviabilização das mídias convencionais desde o período colonial sobre esses povos, ao reconhecer as manifestações culturais como formas legítimas de (re)existência e vivência.

As manifestações culturais constituem elementos centrais na preservação da memória e da identidade coletiva de um povo. De acordo com a Sociedade Artística Brasileira (2022 apud PONTES, 2022), essas manifestações englobam diferentes formas de expressão cultural, como rituais, festividades, danças, músicas, produção artesanal, culinária e literatura, entre outras práticas que contribuem para a continuidade das tradições ao longo do tempo. No contexto do Semiárido brasileiro, essa manifestação

ganha contornos ainda mais significativos, pois associa memória cultural, espiritualidade e resistência em um ambiente marcado historicamente por violação de direitos e pela forte presença de identidades coletivas enraizadas.

A população indígena é reconhecida como primeiros habitantes do território brasileiro, como afirma um dos indígenas da etnia Kaimbé em entrevista. No episódio do Programa Memória do Sertão, é destacada a resistência desses povos na preservação de seus costumes e crenças, com ênfase para a prática do Toré, dança tradicional que integra o cotidiano da comunidade e se manifesta em diferentes momentos da vida coletiva.

Figura 1 - Episódio Toré Kaimbé



Fonte: Memória do Sertão (WebTV Caatinga)

Os Kaimbé mantêm, ainda segundo a FUNAI (2011), diversas manifestações culturais, como a dança do Toré (sem data específica para sua realização), a zabumba (de forma semanal) e a dança do Boi do Araçá, apresentada em períodos festivos ou durante visitas. O Toré constitui um ritual de grande relevância sociocultural e espiritual entre diversos povos indígenas do Nordeste do Brasil, como os Pankararu, Pankararé, Kariri-Xocó, Xukuru-Kariri, Potiguara, Geripancó e Fulni-ô. Essa prática tradicional expressa uma síntese entre religiosidade, musicalidade, dança e resistência cultural, sendo reconhecida como um dos elementos centrais na afirmação das identidades coletivas e na preservação dos saberes ancestrais desses povos (FUNAI, 2022).

Realizado por meio de uma dança circular, em fila ou em pares, o Toré é acompanhado por cantos e instrumentos típicos, como maracás, zabumbas, gaitas e apitos. Embora seja uma prática compartilhada por várias comunidades, cada povo

detém um modo próprio de executá-lo, com variações nos ritmos, nas toadas e nas expressões corporais, revelando a diversidade interna das culturas indígenas da região.

Figura 2 – Dança circular



Fonte: Memória do Sertão (WebTV Caatinga)

Durante essa forma de ritual, são invocados os Encantados, entidades espirituais que ocupam lugar central nas cosmologias indígenas locais. A representação física desses seres se dá por meio do Praiá, indumentária confeccionada em palha e composta por duas partes: a máscara ou casaco, denominada Tanam, e a saia. Ao vestir o Praiá, segundo os preceitos religiosos de cada grupo, o dançador deixa de ser um indivíduo comum para tornar-se a própria entidade espiritual, reforçando os vínculos entre o mundo material e o mundo sagrado.

No programa analisado, o principal entrevistado é o professor Davi Márcio Pereira, que atua na escola indígena local e apresenta a dança do Toré como uma prática ritualística que afirma a identidade do povo Kaimbé frente aos históricos processos de apagamento cultural. Ao mencionar que o Toré foi reintroduzido com o apoio de parentes de outras etnias, ele sinaliza o caráter coletivo e articulado das resistências indígenas no SAB.

Figura 3 - Professor Davi Márcio Pereira



Fonte: Memória do Sertão (WebTV Caatinga)

Esse entrevistado ainda reforça que o Toré se torna um elo entre passado e presente, reconstituindo o que foi interrompido pela violência dos posseiros e pelas tentativas de aniquilar a língua, os costumes e os modos de ser das populações indígenas do Semiárido. Nesse contexto, a produção audiovisual atua como um vetor de memória e pedagogia, fazendo da comunicação uma ferramenta de reconstrução identitária.

A realização do Toré na Aldeia Massacará, em datas como o 19 de abril e o 7 de dezembro, insere a prática dentro de um calendário simbólico que reforça tanto a luta quanto o pertencimento. As celebrações são formas de visibilizar o povo Kaimbé diante da sociedade, mas também de reafirmar para dentro da comunidade o sentido da continuidade. A dança não é apenas uma herança, é uma afirmação viva da territorialidade no sertão. Em um ambiente onde os conflitos fundiários e a invisibilidade institucional ainda persistem, práticas como o Toré funcionam como linguagem política, comunicam a existência de um povo e seus direitos sobre o território que habita.

O Programa Memória do Sertão, ao escolher essa manifestação cultural indígena, portanto reconhece a existência e resistência da presença dos povos indígenas no Semiárido, como também destaca a centralidade da juventude e das mulheres na manutenção da tradição do Toré. A ausência dos mais velhos em parte das celebrações dessa dança na Aldeia Massacará se dar em consequência da quebra de continuidade geracional imposta pelos processos de opressão. Assim, a retomada dessa manifestação cultural emerge da introdução de novos protagonistas, como jovens que crescem sob a

orientação de professores indígenas e mulheres que ocupam espaços de decisão nas práticas rituais.

Figura 4 - Jovens e mulheres dançam o Toré



Fonte: Memória do Sertão (WebTV Caatinga)

Outra questão que merece destaque é a forma como a caatinga, muitas vezes representada apenas por sua vegetação seca e clima hostil, aparece nesse episódio. Essa vegetação é representada como um local arborizado, no entorno da Aldeia, onde o ritual do Toré é praticado. A caatinga, nesse sentido, ganha destaque não como lugar de escassez, mas como espaço de reinvenção cultural, onde a identidade é irrigada pelo cuidado coletivo com a natureza.

Outro aspecto relevante abordado pelo professor entrevistado é o conjunto de regras que organizam o ritual do Toré. O respeito às hierarquias simbólicas e a herança cultural, a necessidade de convite para participação externa e a divisão de funções entre homens e mulheres revelam a complexidade do universo cultural Kaimbé. Essas regras garantem a integridade do ritual e protegem o sentido sagrado da dança. Ao serem transmitidas por meio de uma produção audiovisual comunitária, tornam-se acessíveis a diferentes públicos, contribuindo para uma educação intercultural que valorize os saberes locais e respeite a lógica interna das comunidades indígenas do Semiárido Brasileiro e Baiano.

No Programa Memória do Sertão, poderia haver uma maior quantidade de registros de outras atividades territoriais de atividades indígenas presentes no Semiárido. Contudo, o Toré, tal como é apresentado nessa produção, atua como expressão da resiliência dos povos indígenas na caatinga. Em vez de reforçar uma visão

estigmatizada do Semiárido brasileiro como lugar de atraso, o registro audiovisual dessa dança mostra a potência criativa e espiritual de um povo que recria seus caminhos, mesmo diante da adversidade e do apagamento histórico.

A Aldeia de Massacará, nesse cenário, se destaca como território de memória ativa, onde dançar é também resistir. A WebTV Caatinga, ao dar visibilidade a essa narrativa, contribui para construir outras formas de comunicação comprometidas com a justiça cultural e com a valorização da diversidade e vozes dos povos originários. O material não reproduz estigmatizações negativas recorrentes sobre o Semiárido e contribui para novas narrativas de pertencimento. Contudo, a limitação de registros sobre outras práticas territoriais indica a necessidade de ampliar o repertório audiovisual sobre os povos indígenas.

Referências

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). **Relatório da Coordenação Técnica Local** – Paulo Afonso. Paulo Afonso: FUNAI, 2011.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos Indígenas no Brasil**: Kaimbé. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaimb%C3%A9>. Acesso em: 12 jun. 2025.

PAIVA, C. C. S. **A virtude como um signo primordial de Nordestinidade**: a identidade social nordestina dos filmes *O pagador de Promessas* (1962) e *Sargento Getúlio* (1983). 2006. 120 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

PONTES, M. M. **Manifestações culturais consideradas patrimônio imaterial do Brasil**. Sociedade Artística Brasileira, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/imaterial/?amp=1>. Acesso em: 2 mai. 2025.

SANTOS, F. M. R. **O Sertão que a TV não vê**: o jornalismo contextualizado como Semiárido brasileiro. 2016. 160 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2016.

SOUZA, J. B. S. **Fazendo a diferença**: um estudo da etnicidade entre os Kaimbé de Massacará. 1996. 164 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 1996.

SOUZA, N. S. de. **Web TV Caatinga e o jornalismo contextualizado com o semiárido brasileiro**: um estudo de recepção no ambiente escolar. 2021. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF). RTV Caatinga. **A TV Caatinga**. Disponível em: <https://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/tvcaatinga>. Acesso em: 2 mai. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF). RTV Caatinga. **Programa Memória do Sertão**. Disponível em: <https://rtvcaatinga.univasf.edu.br/memoriasertao>. Acesso em: 18 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF). RTV Caatinga. **Memória Sertão**: Toré Kaimbé. YouTube, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/x6zQsfZL2pk?si=PLPcpbSIP7ORkn60>. Acesso em: 10 jun. 2025.